

PAPELPAREDE

objecto urbano
em espaço rural

12º
Primavera'14
10 Anos



O TERRITÓRIO DO MEIO

VICTOR MESTRE E SOFIA ALEIXO
ARQUITECTOS

A recém-criada Delegação de Abrantes (2012?), estrutura que sucede ao Núcleo do Médio Tejo da Ordem dos Arquitectos, pede-nos um contributo para a edição da publicação PAPELPAREDE que comemora em Abril 10 anos de representação da Ordem no Médio Tejo. Esta região do Meio de Portugal, que o Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa tão sabiamente documentou ilustrando a sua variedade, complexidade e especificidade, constituiu o território charneira entre o Norte e o Sul de Portugal. Os testemunhos incontornáveis de Orlando Ribeiro, Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira e Fernando Galhano, entre outros, são fundamentais para compreender este majestoso território consagrado pelas ancestrais actividades humanas. Foi neste saber que procurámos apoio para os projectos que aqui desenvolvemos.

O trabalho desenvolvido no âmbito do Gabinete Técnico Local de Belver, concelho de Gavião, permitiu uma investigação holística do património existente, a preservar, que por infortúnio do destino, permanece adormecida. A equipa pluridisciplinar que durante dois anos trabalhou diariamente nesta Vila Histórica, constituída por Antropóloga, Assistente Social, Socióloga, Urbanista, Historiador, Arquitectos e desenhadores, topógrafo e administrativo, ainda apoiada em consultoria pelas engenharias, efectuou um levantamento único deste território com a finalidade de estruturar o Plano de Pormenor que, após extinção do Gabinete em Novembro 2001, não logrou cumprir o seu designio. Procurava o Plano proporcionar meios efectivos para a melhoria das condições de habitabilidade da estrutura social mais frágil, a par da infra-estruturação do núcleo urbano e da conservação dos edifícios com funções públicas, como escolas, colectividades, espaços exteriores e edifícios patrimoniais, etc. Importará reavaliar as razões deste desfecho para que se perspetive um novo tempo de esperança, sem desperdício do anterior investimento técnico e económico. Desse tempo de elaboração do Plano ficou contudo, e para além da calorosa experiência com a população, a obra física de que destacamos a intervenção no percurso rural denominado "Caminho da Fonte Velha" e a intervenção de valorização dos Largos de Belver.

Sobre o "Caminho da Fonte Velha", fica-nos a agradável memória de um projecto partilhado com as vivências da população que via nele reflectida a sua própria memória enquanto colectivo, onde terão ocorrido relações de elevado significado afectivo. Este caminho de vidas inteiras e também fragmentadas, de relações associadas à ruralidade, terá sido o "diário" da Vila cuja escrita ficou impressa na memória de cada um e nos seus mapas mentais referenciáveis às subtis materialidades de cada fraga, de cada troço de muro, de cada árvore que os levava à fonte como destino inevitável e inadiável.

A intervenção que se implementou teve por objectivo o apoio à vida social, que apesar de muito apagada nos hábitos diários relacionados com este percurso, ainda permanecia profundamente activa na memória dos mais antigos. Assim, procurou-se tão-somente recordar e comemorar o que de significativo ligou este lugar à comunidade. Procurámos associar à intervenção, que se pretendia mínima no plano físico, de novos contextos, numa perspectiva de rememoração geracional ligando o "tempo interrompido" para reactivar a visitação e a activação das parcelas agrícolas desaproveitadas. A intervenção nos Largos de Belver procurou apenas atender à identidade local em termos de usos, ou seja, mantendo as suas "centralidades ancestrais", restaurando o que de mais significativo existia, e introduzindo melhores condições de conforto urbano, de modo a potenciar o encontro social. Introduziram-se pequenos apontamentos arquitectónicos, como pérgulas de ensombramento, bancos, iluminação e, no caso do Largo da Matriz, um quiosque com zona de esplanada associada a um tanque onde a água procura atenuar a força do estio que neste lugar se faz sentir com extrema intensidade. A intervenção nos Largos de Belver enquanto espaços de fruição pública, tinha subjacente a intenção de intervir em sintonia com o edificado mais degradado e mais carenciado socialmente, de modo a que dessa conjugação de intervenções, resultasse a valorização da harmoniosa Vila. Por não se ter cumprido como desejado, ficaram os "fragmentos" desse auspicioso tempo que, voltamos a referir, se poderia voltar a equacionar a bem da comunidade.

O nosso modo de projectar resulta em grande parte do nosso posicionamento sociocultural, da forma como nos relacionamos com o local onde intervimos, e em especial com as pessoas directa e indirectamente envolvidas. O concelho de Gavião, constituiu um paradigma dessa relação, ainda que o primeiro laço tenha ocorrido por via de um concurso público, em 1995, para uma ponte integrada numa paisagem rural, sem urbanidade, precisamente a Ponte da Ribeira da Venda, Comenda.

A força telúrica do lugar dominou o projecto com a intensidade da canícula do mês de Agosto, e o dilúvio de Janeiro que o pequeno riacho transporta habitualmente neste período do ano. A ponte era uma ruína, cuja derrocada se ajeitou ao arenoso leito. A sua reconstrução foi feita à força de braços, com os quais contribuímos ao ajudar a colocar algumas pedras sobre os improvisados cimbros de madeira. Reconstituiu-se até ao limite da materialidade possível e da autenticidade imposta voluntariamente por uma ética de intervenção. A "ponte sobre a ponte" foi a solução para que a memória permanecesse resiliente a um novo desgaste e em consequência, a uma nova derrocada. Mas procurou-se na abstracção do desenho o éter da forma e do volume. Por isso se olha sem ver, num primeiro relance. Não muito longe, mais precisamente junto ao Tejo, no Alamal, e fruto de outro concurso público (1996), reabilitámos uma antiga Quinta de produção que se servia do rio, como estrada para escoar os seus produtos. O programa pedia a instalação de uma pequena pousada, tendo em consideração a verdejante reentrância por onde corre uma linha de água que alimenta todo o ano tanques e canais de rega. Esta Quinta era assim um todo construído sabiamente em plataformas que integravam as construções.

A nossa metodologia de abordagem partiu de uma demorada investigação nas aldeias e estruturas rurais dos concelhos vizinhos em ambas as margens do rio. A partir desse conhecimento, estruturámos o projecto que procura recuperar a localização, tipologia e materialidade das estruturas de apoio às actividades agrícolas comuns a esta região. Assim surgiram os pequenos volumes dos quartos, com o seu discreto e abstracto ripado de madeira, integrados como plataformas sobre as quais se semeou prado. Este muda de tom e de intensidade consoante as estações do ano, tal como a expressão das fachadas se altera casuisticamente, conforme a vontade dos seus utilizadores. A pequena pousada é agora a continuidade natural do lugar, tal como os edifícios iniciais se integraram na paisagem, tirando partido do contexto.

O rio Tejo, outrora bravo, actualmente sereno na maior parte do ano, por via das barragens implantadas no seu leito, tem neste lugar uma força especial. Se durante significativa parte do ano é um espelho fiel do Castelo de Belver, em ocasiões muito especiais, parece retomar o espírito de rio grande, bravo e indomável. Transforma-se e transfigura a paisagem carregada de tons cinzentos onde a água da chuva se mistura com a da destemperança do imenso e turvo caudal do rio.

Neste contexto, sonhamos o Museu do Rio. Parte em terra, parte em barçaça flutuante. Em terra um pequeno apontamento arquitectónico, como um despojado estaleiro de barcos "vulgo construção" de pranchas de madeira. Na água, uma "barçaça arquitectónica", lembrando os ensinamentos de Aldo Rossi e o seu Teatro del Mundo. A barçaça-museu passearia os visitantes que aportariam em outros lugares, numa dinâmica intermunicipal, incluindo o Tejo internacional.

O Museu, um dia, sonhou-se para outro lugar, não muito distante, também no Tejo mas um pouco mais para jusante, precisamente em Abrantes. Ficou o desenho e o desejo que um dia se possa cumprir. Continua contudo a navegar no nosso espírito.

